

EXPORTAÇÕES – O Nosso Motor de Crescimento

Sujeitos a uma política de austeridade – inevitável mas desequilibrada em termos orçamentais levando a doses excessivas de destruição económica – só temos neste momento como motor de crescimento a procura externa – isto é as exportações – e será vital termos a prazo o investimento produtivo. Importa pensar não só em exportações mas também na substituição competitiva de importações por produção interna, casos por exemplo de produtos agrícolas e agro-industriais, ou seja devemos pensar na produção de bens transaccionáveis, que sejam competitivos quer nos mercados externos quer no doméstico aberto à concorrência externa.

Será também desejável que as nossas exportações venham no futuro a ultrapassar 50% do PIB, números mais consentâneos com o perfil de pequenas economias exportadoras inseridas com sucesso na economia global e na cadeia de valor das multinacionais que operam à escala global.

Em 1995, ano em que deixámos o governo, pela primeira vez as exportações de máquinas eléctricas e não eléctricas e material de transporte tinham ultrapassado a dos sectores tradicionais, sinal de que a política industrial que implementámos estava a alterar o nosso perfil exportador com produtos com maior valor acrescentado e maior conteúdo tecnológico e com a crescente produção de bens de equipamento em complemento quer de produtos de consumo corrente de maior qualidade como já estava a acontecer com o calçado, quer de produtos assentes em recursos naturais com maior transformação nacional como estava a acontecer com as rochas ornamentais e fileira florestal com a passagem da pasta à produção de papel.

Importa reforçar essa via e também continuar a diversificação para mercados não comunitários.

Quanto às exportações, única variável positiva da nossa economia graças ao mérito dos nossos empresários, elas atingiram de Janeiro a Setembro de 2012 os seguintes valores em milhões de euros para os principais mercados – Espanha 7500, Alemanha 4280, França 4000 e Angola 2120. Isso mostra que, apesar do grande sucesso em mercados emergentes como Angola, estes não podem imediatamente substituir o peso ainda hegemónico dos mercados comunitários.

Neste contexto, a procura externa para a economia portuguesa é naturalmente ensombrada em 2013 pelas fracas perspectivas para a Zona Euro, longe ainda de ter ultrapassado a sua crise, e com a recessão a estender-se da periferia para o Centro, atingindo a França e a Alemanha, com esta sujeita a dois choques simultâneos e negativos para as suas exportações, desaceleração na China/Ásia e contracção dos mercados do Sul da Europa.

Nos EUA, apesar do acordo que evitou no último minuto o abismo orçamental mas que é demasiado frágil e limitado, as perspectivas de crescimento permanecem sombrias.

Esperamos que o mérito dos nossos exportadores e o dinamismo dos mercados emergentes possam mitigar as perspectivas sombrias para a nossa procura externa na Europa e EUA.

LUÍS MIRA AMARAL

Engenheiro e Economista